

RESSIGNIFICANDO A RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO DE IDOSOS

Carlos Klein¹, Neila Jussara Baumgratz Ritzel²,
Flavia Gehlen³ e Márcia Beatriz Cerutti Müller⁴

RESUMO

O artigo apresenta um trabalho realizado dentro de uma instituição de idosos. O ser humano sempre está em constante desenvolvimento, assim atribuído pela memória sempre viva em construção. Ainda se distingue a Educação, entre outras, como uma necessidade pessoal de aprendizagem ímpar em sua personalidade de características e potencialidades. Compondo a própria autoria nos espaços de atuação e de aprendizagem-ensino, o adulto constrói o entendimento de que a educação fundamenta e representa as mudanças possíveis em cada necessidade social, sempre que se fizerem presentes. Obter resultados que possam contribuir para a análise do problema de aprendizagem localizado na instituição, partindo desde o primeiro contato até chegar ao plano de intervenção. Todas essas fases bem detalhadas contribuem para o psicopedagogo institucional realizar seus diagnósticos e hipóteses para que sua intervenção final seja uma ação não somente para o momento, mas que possa ressignificar o desejo de aprender dentro de uma instituição, dentro de um grupo.

Palavras-chave: Psicopedagogia Institucional. Ressignificação da Aprendizagem. Relações Sociais.

ABSTRACT

The article presents a study conducted into an Institution for elderly. The human being has been always in constant development, so assigned by the memory always alive under construction. It still differs Education, among others, as a personal need for learning in its unique personality characteristics and potentialities. Composing his own authorship in the activities and learning / education, the adult builds understanding that education is based and it represents the possible changes in every social need, where it presents. To get results that may contribute to the learning problem analysis in an Institution where it is located in, starting from the first contact until the intervention plan. All these steps well detailed contribute to the institutional psychologist makes his diagnoses and hypothesis in order that his final speech may not be a moment action, but it may reframe the desire of learning into an Institution, in a group.

Keywords: Psychopedagogy Institutional. Redefinition of Learning. Social Relationships.

¹ Tecnólogo da Informação. cursando Pós-Graduação Especialização em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional na Universidade Feevale. E-mail: carlosk@sinos.net.

² Educadora. cursando Pós-Graduação Especialização em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional na Universidade Feevale. E-mail: neilaritzel@ig.com.br.

³ Educadora. cursando Pós-Graduação Especialização em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional na Universidade Feevale. E-mail: flaviagehlen@gmail.com.

⁴ Professora, assessora e coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade Feevale. Pedagoga. Psicopedagoga. Mestre em Educação. E-mail: marciabcm@feevale.br.

INTRODUÇÃO

Frequentemente, encontramos o contexto da Psicopedagogia vinculado ao aprender de crianças e adolescentes, pouco se conhece sobre o aprender na maturidade.

Falar da construção de saberes e do aprender na maturidade é buscar informações nas histórias de vida, nas histórias de sucessos e fracassos, histórias de alegrias, tristezas, sofrimentos e lembranças. Todos ensinam e todos aprendem a partir de suas vivências, suas histórias e, principalmente, pelo seu desejo de aprender.

A investigação e a ação da Psicopedagogia Institucional devem ter como foco a prevenção das dificuldades de aprendizagem, assim como trabalhar com fraturas na aprendizagem estabelecidas em relação ao desejo como frutos de recalques constituídos ainda na infância e que acompanham o sujeito ao longo de sua vida.

Este artigo descreve as atividades que foram realizadas dentro de um lar de idosos, onde foram realizadas visitas, observações e até intervenções que foram aplicadas, na instituição a qual abriga senhores e senhoras na maturidade, um Lar de Idosos. O estágio realizou-se no período de setembro de 2009 até janeiro de 2010.

1 METODOLOGIA

Como suporte metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa. Para Wolffenbüttel (2005), a pesquisa de abordagem qualitativa privilegia a compreensão do fenômeno a ser estudado prescindindo de uma preocupação com a generalização. Essa opção metodológica encontra origem nas características próprias da área humana, mais especificamente, ao tratarmos de sujeitos, suas relações, suas constituições, seus desejos, suas faltas, suas construções.

No que se refere à pesquisa qualitativa, podemos citar também Prodanov e Freitas (2009), os quais consideram que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números.

Demo (2000) diz que pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é, sobretudo, motivar a criatividade do próprio educando, para

que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe se superar.

Acreditamos que nosso trabalho possa colaborar com a instituição no sentido de possibilitar uma melhora no processo de ressignificação das relações de aprendizagem entre os sujeitos e novamente citamos Wolffenbüttel (2005), a qual diz, sendo assim, há a necessidade de pensar a pesquisa como atitude cotidiana do psicopedagogo, que parte de constantes leituras diagnósticas para direcionar e redimensionar sua prática.

Para Prodanov e Freitas (2009), as pesquisas são feitas diretamente no ambiente de estudo e situações que acontecem com os sujeitos que estão presentes nesse meio. Os dados coletados nesta pesquisa são descritivos, sendo que o objetivo principal é de levantar o maior número de informações possíveis no meio em que a pesquisa é feita.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa atende às necessidades na busca de informações, tendo a pesquisa-ação como apoio na busca por intervenções que irão atingir os grupos envolvidos a partir das necessidades diagnosticadas.

Wolffenbüttel (2005) diz que, dessa forma, compreendemos que a pesquisa-ação se trata de um instrumento de investigação e de trabalho com grupos, instituições, coletividades de pequeno e médio porte. A proposta metodológica da pesquisa-ação contempla as necessidades da Psicopedagogia Institucional.

Os instrumentos empregados em nossa pesquisa foram entrevistas abertas, observações, análise de documentos da instituição, vídeos, dinâmicas envolvendo atividades lúdicas em que os sujeitos puderam expressar seus sentimentos, relacionando-os aos vídeos apresentados.

2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Este trabalho foi realizado num Lar de Idosos fundado há 21 anos em uma das cidades do Vale do Sinos. Fundada em 1989, a instituição nasceu da união e iniciativa de pessoas ligadas a vários segmentos da sociedade.

O respectivo Lar é comunitário, mantém-se de doações e parcerias com a Prefeitura Municipal, entidades de ensino e pessoas físicas e jurídicas,

além do trabalho voluntário. Para se manter financeiramente e atender a demanda, são realizadas promoções, tais como: bingos, meio frango, além de receber doações da comunidade e das empresas.

Atualmente, o Lar conta com 25 funcionários, entre eles: enfermeiros, cozinheiras, serviços gerais, secretários e administradores.

O espaço físico é bastante agradável e demonstra atender as necessidades do grupo, pois este desfruta de área de lazer, dormitórios arejados, banheiros adequados, refeitório, cozinha equipada, lavanderia industrial, salas de TV, salão de eventos, ambulatório médico, sala de fisioterapia, sala de palestras/estudos e uma enorme área verde. Os quartos e banheiros são divididos em duas alas (ala feminina e ala masculina).

As medicações prescritas para os idosos são todas organizadas em um único local, separadas em potes com a identificação de cada um, bem como com o horário a serem dadas.

O trabalho voluntário é uma constante no Lar, pois são vários os momentos semanais em que ocorrem atividades pensando no bem-estar físico e emocional daqueles que lá vivem, como, por exemplo: caminhada orientada por fisioterapeutas, grupos de canto, dança, entre outras.

3 A PROPOSTA DO ESTÁGIO

Uma das propostas principais do grupo foi de explicar o que era a Psicopedagogia Institucional e o período proposto para nossas atividades na instituição.

Enfatizamos para a coordenadora que a psicopedagogia institucional busca trabalhar “a criatividade e os diferentes caminhos para encontrar saídas, desenvolvendo o imaginário, a função humanística e dos sentimentos na empresa, ao construir projetos e dialogar sobre eles” (BOSSA, 2000, p.89).

A ideia principal foi de explicar, como já havíamos feito no contato telefônico, que gostaríamos de realizar nosso estágio de Psicopedagogia Institucional na instituição e, com isso, verificar como a Psicopedagogia poderia contribuir com a ela.

Costa (2009) diz que “[...] dentro de uma organização, o psicopedagogo procura atuar na superação das dificuldades de relacionamento de um grupo, cabendo também a ele levar a empresa a

diminuir as fragmentações entre setores e a trabalhar de forma interdisciplinar”.

Como a Psicopedagogia Institucional trata da constituição do sujeito social na sua mais plena imersão de direitos humanos, escolhemos um lar de idosos. Cabe a nós centrar nossos olhares sobre os diferentes grupos dentro da mesma instituição, realizando um criterioso diagnóstico e promovendo intervenções a partir das necessidades evidenciadas pelos sujeitos ensinantes e aprendentes.

Conhecer o ambiente e investigar de que maneira ocorre a aprendizagem na instituição. Oportunizar a ressignificação do desejo de aprender dos sujeitos pertencentes ao grupo.

Após isso, com a primeira visita, a qual, para a psicopedagogia, é de suma importância, buscase atentar para tudo o que é falado, podendo ter significado valioso, contribuindo para o trabalho. Observa-se o “que não é dito, mas fica nas entrelinhas, das coerências e incoerências que aparecem no discurso, dos atos falhos que podem surgir, da objetividade ou subjetividade do discurso e do conteúdo abordado” (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Entende-se que, para a primeira visita, desde o início, é importante atentar-se para o caráter de como se dá a primeira interação:

[...] a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas que não são totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação múltipla, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Acertados os detalhes do nosso estágio, a coordenadora conduziu-nos a uma visita pela instituição, iniciando pela ala masculina. Mostrou os quartos, a enfermaria e o local onde os idosos fazem fisioterapia, os remédios que são separados de forma individual, especificados por nomes e organizados por acadêmicos do curso de Farmácia da Feevale. Depois, passamos para a ala feminina e, após, pela sala de estar. Ao lado, no mesmo espaço,

sem divisórias, ficam as mesas para as refeições e a cozinha. Há um quarto chamado de berçário, onde ficam as pessoas que precisam de maior atenção e cuidados especiais. Ao lado da sala de estar, há uma pequena sala onde ocorrem cursos e momentos especiais para os idosos.

Ao conversarmos com a coordenação sobre os principais acontecimentos no Lar, ficou bastante evidente que somente os idosos é que deixavam transparecer motivos de queixa. Da forma como referido anteriormente, ganha sentido a ideia de Fernandez (1994), quando diz que “a queixa ocupa o lugar do pensamento, e aquele que se queixa pensa que está pensando e, muitas vezes, não deixa espaço para a busca de solução”.

Antes de iniciarmos as observações propriamente ditas, o enquadramento é um instrumento capaz de manter algumas constantes como um marco, para podermos conhecer a realidade. Segundo Visca (1987), para se investigar uma realidade, é necessário isolá-la do contexto e integrá-la a ele, e o enquadramento auxiliará na obtenção desses dois critérios.

Para Barbosa (2001), em uma instituição social, as dificuldades não devem ser determinadas como de responsabilidade somente de uma só pessoa, um só grupo ou setor, todos são responsáveis pelos acontecimentos na instituição, mesmo havendo hierarquias.

A coordenadora demonstrou-se muito receptiva em relação à nossa proposta, comentando também que essa nossa interação seria importante para a instituição. Enfatizou que esse tipo de atividade engrandece ainda mais o seu trabalho junto à instituição e que é fundamental, inclusive para os funcionários, que podem participar e comentar sobre suas atividades e reações ao trabalhar no lar.

Informamos que a carga horária era de 30 horas por aluno e que gostaríamos de vir em momentos diferentes e em conjunto, para poder conhecer melhor o funcionamento do lar. Ela disse para ficarmos à vontade quanto aos horários e que, no final do dia, seria interessante ficar até às vinte horas, pois, após esse horário, a maioria dos idosos se recolhe.

3.1 OBSERVAÇÕES

Buscar investigar, a fim de capturar tudo o que acontece. Esta investigação permanece durante

todo o trabalho diagnóstico através de um olhar crítico e investigativo, para que “se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção” (BOSSA, 2000, p. 24).

A partir das observações, foi possível dar continuidade às próximas questões neste trabalho, as quais foram norteadoras no processo de elaboração da intervenção realizada na instituição, bem como alguns itens descritos e repassados à coordenação do lar no momento da devolução.

4 A INTERAÇÃO SOCIAL NO LAR

A interação social representa um elemento necessário ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento do indivíduo. Em cada grupo social, encontram-se normas objetivas e subjetivas que regem as relações entre sujeitos, algumas são sutis e outras são rígidas, consideradas imperdoáveis se transgredidas, até aquelas que se cristalizam em leis passíveis e não passíveis de punições por autoridades institucionalizadas.

Essas normas são o que, basicamente, caracteriza os papéis sociais e determina as relações sociais. Os diferentes papéis sociais que os seres humanos vão estabelecendo permitem que eles consigam sobreviver às diversas situações sociais que ocorrem necessariamente no percurso de suas vidas.

O viver em grupos permite o encontro com as diferenças e as semelhanças, sendo que cada um dos sujeitos vai construindo o seu “eu”. “Paradoxalmente, é através deste processo de interação que é desenvolvida a individualidade e a identidade social” (WOLFFENBÜTTEL, 2005, p. 218).

Nessa mesma direção, tem-se a opinião de Ferreira (2005, p. 189), que diz:

Tratar da construção do saber na maturidade é lançar um olhar às histórias de vida, histórias de fracassos e sucessos, histórias de contratos e segredos, histórias de alegrias, sofrimentos e dores. É ser sensível aos desejos ocultados e às fraturas do aprender nem sempre aparentes e assumidos.

A pessoa, na maturidade, pode e deve ter o mesmo direito que qualquer outra pessoa de

construir sua historicidade, de viver sua história plenamente. Novamente destacamos as palavras de Ferreira (2005, p. 189), que diz:

Timidamente vai se apropriando de uma educação como processo, educação que também rompe com a barreira do institucional e vai além dos muros das escolas, educação que considera adultos e idosos como sujeitos em permanente formação, educação que rompe com a cegueira, que lança seu olhar para além da infância e que é capaz de fazer pedagogias e psicopedagogias para todos, meninos e meninas, homens e mulheres, como sujeitos em historicidade e autoria.

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na relação comportamental de um indivíduo. E, sendo o idoso nosso sujeito de pesquisa, a partir das observações realizadas no decorrer do processo, percebemos a necessidade de realizar um trabalho com foco de intervenção direcionado às relações interpessoais (e seus segredos, sonhos, desavenças, prazer e conhecimento) com o grande grupo. Escolhemos trabalhar com o coletivo, pois ficou evidente, a partir das observações, que a maioria dos idosos não tinha condições emocionais, psíquicas e físicas para ser submetida a entrevistas ou outro tipo de trabalho mais individualizado.

Uma vez colhidas as informações a partir das observações e “entrevistas informais”, ou seja, “bate papo”, aspectos importantes foram colhidos e os sintomas aparecendo. Percebeu-se a necessidade de combater o sedentarismo, pois a maioria dos idosos passa o dia inteiro sem ocupação, ou seja, na solidão. Acreditamos que, mantendo os idosos ocupados com atividades saudáveis que contribuam para o desenvolvimento cultural e social, melhorariam as relações entre eles e quem sabe, permitiria que, aos poucos, eles recordassem os conhecimentos e as competências adquiridas no decorrer da sua história.

Pensando também em promover atividades que aumentem a autoestima dos idosos, poderiam estes ter acesso a materiais de artes plásticas que envolvam destreza manual, acesso a diferentes portadores textuais, bem como momentos envolvendo parlendas, adivinhas, piadas, notícias

atuais, possibilitando, assim, maior e melhor convivência entre eles, prestígio, aceitação, desejo pelo “novo”, buscando uma melhor qualidade de vida.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Após o período de observações, conversas informais com funcionários, análise de documentos e conversas diretas com os idosos, percebemos que os idosos passam muito tempo de forma ociosa, fazendo com que os idosos fiquem analisando o comportamento uns dos outros, fazendo, inclusive, “julgamentos” do que julgam certo e errado em suas atitudes. Essa situação acaba favorecendo o surgimento de comentários que dificultam o relacionamento entre eles.

Considerando que a aprendizagem é para a vida toda, propomos então uma intervenção que venha oferecer aos sujeitos atividades a partir das quais eles mesmos possam interagir em seu meio comum e se ocupar de forma prazerosa, buscando ressignificar o desejo de aprender de cada um.

Mesmo que o ritmo de cada sujeito possa ser diferente, pois cada um carrega consigo uma carga de vida particular e uma compreensão de mundo muito diversa, a presente proposta visa a criar mecanismos para facilitar a inclusão desses sujeitos e demonstrar para a sociedade que eles são capazes de aprender e ensinar com suas experiências.

Acreditamos que essa proposta de intervenção possa colaborar com a instituição no sentido de possibilitar uma melhora no processo de ressignificação das relações de aprendizagem na instituição e também melhorar de forma significativa as relações interpessoais dos sujeitos inseridos nesse contexto.

Antes de realizar a intervenção, juntamos todos os principais acontecimentos, para, assim, possuímos uma devolução estruturada. Após o período em que estivemos presentes no Lar em diversos momentos, percebemos que o ambiente é tranquilo, saudável e bem-organizado. Os funcionários e os idosos convivem em harmonia. Compreendemos o papel importante que os funcionários exercem perante os 48 sujeitos integrantes do lar. A doação, dedicação, o carinho, afeto e a alegria ao exercer a função estão estampados nos rostos e confirmados nos depoimentos de cada um, ao falar de sua atuação dentro do lar.

Torna-se visível que todos gostam do que fazem e que também, segundo eles, aprendem muito com cada um dos idosos que está no lar. Percebe-se que a relação entre eles também é amigável e solidária. Todos se ajudam e a sintonia entre eles transmite tranquilidade para quem está de fora. Os eventos, tanto os internos como os realizados pela comunidade, são organizados e as tarefas são bem distribuídas, fazendo com que cada um se responsabilize por uma determinada função.

Em relação aos idosos que vivem no Lar, percebemos que são pessoas com características muito diferentes. Encontramos pessoas que não se comunicam e vivem completamente fora da realidade, necessitando de apoio para tudo, outros são mais ativos, caminham, interagem com as pessoas do Lar, contam suas histórias e demonstram alegria em suas atitudes. Poucos gostam de jogar cartas, fazer palavras-cruzadas, acessar a Internet, ler revistas e jornais.

Percebemos que, em sua maioria, os idosos têm bastante tempo ocioso. Sentam nas “ilhas” de sofás e ficam olhando e observando os outros. Isso faz com que surjam comentários e até “fofocas”, o que acaba prejudicando o relacionamento entre eles. Entendemos que não é possível que todos se deem bem o tempo todo, porém esse tempo ocioso favorece o surgimento de comentários e atitudes que prejudicam, atrapalhando muitas vezes as relações entre eles. Por isso, acreditamos na importância de reconstruir alguns caminhos dentro dessa instituição. Acreditamos que se faz necessário um espaço onde haja desejo pelo novo, pela descoberta, onde ocorram momentos desafiadores, (por que não?), através de música, leitura, jogos, momentos prazerosos e lúdicos na busca pela aprendizagem, pois lembramos que esta se dá durante toda a vida dos sujeitos.

Acreditamos que, com esses momentos, os idosos também poderão falar de seus sentimentos, de suas angústias, dos seus medos, os quais fazem parte da nossa vida em qualquer faixa etária. Como nos ensina Luciana Ferreira (2005, p. 194):

O desejo é transversalizado pelo afeto, assim, aprender, nesse pensar, é “afetar-se”, entrar em contato, tornar-se permeável ao universo de sentimentos, sentidos, significados e significações, em que o sujeito diz quem é, o que o mundo representa para ele e o que os são.

Deixaremos como sugestão a ideia de um espaço de leitura, onde os idosos terão acesso a diferentes portadores textuais, como, por exemplo: livros de histórias, bíblia, jornais, gibis, revistas, palavras cruzadas, entre outros.

Na intervenção, espera-se que “[...] trabalhando a criatividade e os diferentes caminhos para encontrar saídas, desenvolvendo o imaginário, a função humanística e dos sentimentos na empresa, ao construir projetos e dialogar sobre eles” (Bossa, 2000, p. 89).

Um dos fatores importantes também na intervenção, segundo Escott (2001), é que a psicopedagogia possa investir na melhoria das relações de ensino-aprendizagem e, principalmente, na construção da autonomia de todos os participantes da instituição: sujeitos, educadores ou cuidadores.

Como intervenção, propusemos assistir a dois pequenos vídeos, que tratavam de motivação e amizade, com duração de aproximadamente vinte minutos - os dois.

Após a projeção dos vídeos, foi aberto um espaço espontâneo, para que todos pudessem conversar e trocar ideias sobre o que foi apresentado nos vídeos, salientando que todos poderiam participar e expressar o que sentem, principalmente, também com o convívio no lar. Para finalizar, pedimos que falassem palavras para representar o que sentiram ao participar desse momento. Registramos as palavras em fichas coloridas e, depois, as colamos em um painel para ser fixado no Lar.

Encerrando ambos os vídeos, o diálogo foi iniciado e, à medida que cada palavra-chave ia surgindo, como amor, sinceridade, segredo, estas eram coladas no painel e expostas, para que todos pudessem visualizar.

Em seguida, colocamos a música “O que é, o que é?” de Gonzaguinha.

Enquanto escutavam a música, as pessoas presentes foram convidadas a registrar através de desenhos que representassem o momento. Ficou bem livre opção de desenhar ou não, aqueles que não se sentissem à vontade não precisariam participar.

Percebemos que a música estava presente como ritmo dentro da memória de muitos, pois, à medida que ela tocava, com as mãos, alguns batiam nas mesas ou até mesmo levantavam seus braços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do nosso trabalho, conhecemos melhor o funcionamento do Lar de Idosos e buscamos entender a importância do aprender para os sujeitos inseridos nessa instituição. Tentamos possibilitar a ressignificação do desejo de aprender a esses sujeitos e, acima de tudo, focamos nossas ações nas relações interpessoais, realizando um trabalho preventivo na busca de melhor qualidade de vida para todos os idosos.

Conforme os estudos sobre a terceira idade, compreendemos que, na práxis psicopedagógica, resgatamos a dimensão da diversão, do prazer, do humor em nossas vidas, excessivamente rotineiras, e isso pode ser um facilitador do encontro daquilo que é, de fato, nossa condição humana. Assinarmos, com toda a nossa responsabilidade, a autoria de nossas próprias vidas, rompendo com paradigmas que impedem nossos movimentos de sermos maleáveis e flexíveis.

Por fim, as Trajetórias de Vida de cada ser humano revelam-se pela representatividade de ações na vida adulta. Essas representações podem ser estabelecidas em cada situação bem sucedida, ou pela dificuldade de conciliar lazer, trabalho, família e estudo. Consequentemente, essas subcategorias, que, na adultez, assumem os ideais de vida em cada ser humano, deveriam representar toda a composição real da vida até então. Entende-se que o caminho traçado até a chegada à vida adulta é composto pelo indivíduo, por sua história de vida, ressaltando momentos singulares de sua existencialidade de ser humano, devendo, pois, continuar a ser escrito antes de essa fase de vida se estabelecer em reais características biológicas e maturidades psicológicas e ainda após sua efetiva construção.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Laura Monte Sarrat. A História da Psicopedagogia contou também com Visca. In: **Psicopedagogia Aprendizagem**. Coletânea de reflexões. Curitiba, 2002.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre a Psicopedagogia Clínica e Institucional**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.
- ESCOTT, Clarice Monteiro; ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel (Orgs.). **A Formação em Psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional: uma construção teórico-prática**. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SOUZA, Caroline Marques de Azevedo e. **Envelhecimento: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar**. Programa Geron. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2002.
- SOUZA, Valdemarina B. Z. **A motivação do idoso para reaprender a aprender: um desafio para propostas de intervenção educativa**. Programa Geron. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**. Epistemologia Convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- WOLFFENBÜTTEL, Patrícia (Org.). **Psicopedagogia: Teoria e Prática em discussão**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.